

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA

Dia Mundial Sem Tabaco

31 de maio de 2012

DISQUE SAÚDE
136
Ouvidoria Geral do SUS
www.saude.gov.br

**Fumar: faz mal pra você,
faz mal pro planeta.**



Divisão de Comunicação Social - INCA, 2012

Além dos danos à saúde de quem fuma, o cigarro afeta o meio ambiente e a sociedade com desmatamento, uso de agrotóxicos, agricultores doentes, incêndios e poluição do ar, das ruas e das águas.

O SUS ajuda você a ter uma vida mais saudável sem o cigarro. Mais informações ligue 136.



Ministério da
Saúde



© 2012 Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva/ Ministério da Saúde.
Todos os direitos reservados. A reprodução, adaptação, modificação ou utilização deste conteúdo, parcial ou integralmente, são expressamente proibidas sem a permissão prévia, por escrito, do INCA e desde que não seja para qualquer fim comercial. Venda proibida. Distribuição gratuita.

Esta obra pode ser acessada, na íntegra, na Área Temática Controle de Câncer da Biblioteca Virtual em Saúde - BVS/MS (http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/controle_cancer) e no Portal do INCA (<http://www.inca.gov.br>).

Elaboração, distribuição e informações

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ
ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA)
Coordenação-Geral de Ações Estratégicas
(CGAE)
Divisão de Controle do Tabagismo
Divisão de Comunicação Social (DCS)
Secretaria Executiva da Comissão Nacional
para a Implementação da Convenção-Quadro
para o Controle do Tabaco (CONICQ)
Praça Cruz Vermelha, 23
Centro – Rio de Janeiro – RJ
Cep 20231-130
Tel.: 21-3207-5976
E-mail: prevprim@inca.gov.br
www.inca.gov.br

Revisão

Rita Rangel de S. Machado/ Serviço de
Edição e Informação Técnico-Científica

Normalização editorial

Taís Facina/ Serviço de Edição e Informação
Técnico-Científica

Títulos para indexação

Em inglês: The interference of the tobacco industry: presentation and technical guidelines

Em espanhol: La interferencia de la industria del tabaco: la presentación y la orientación técnica

MINISTÉRIO DA SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA
(INCA)

A Interferência da Indústria do Tabaco

Apresentação e orientações técnicas

Rio de Janeiro, RJ

2012



Sumário

Introdução: A mensagem da Organização Mundial da Saúde sobre do Dia Mundial sem Tabaco

- 1. Tabagismo: um entrave ao desenvolvimento**
 - 2. Impacto no meio ambiente**
 - 2.1. Fumicultura**
 - 2.2. Desmatamento e contaminação do solo**
 - 2.3. Contaminação domiciliar**
 - 2.4. Uso de pesticidas e agrotóxicos e os riscos para a saúde**
 - 2.5. Doença do tabaco verde**
 - 2.6. Poluição tabagística ambiental**
 - 3. O Dia Mundial Sem Tabaco – 31 de maio de 2012**
 - 4. Propostas de atividades comemorativas**
 - 5. Avaliação das atividades**
 - 6. Planilha para avaliação dos resultados**
- Referências**

Introdução

A mensagem da Organização Mundial da Saúde sobre do Dia Mundial Sem Tabaco

O Dia Mundial Sem Tabaco é uma celebração anual que tem como objetivo informar a população sobre: os perigos do uso do tabaco; as estratégias das companhias produtoras para seduzir os jovens; as ações que a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolve para controlar sua epidemia no mundo; assim como as atitudes que a sociedade pode promover para reivindicar o seu direito à saúde e à vida saudável e para proteger as gerações presentes e futuras. Sendo assim, em 1987, os Estados-Membros da OMS criaram o Dia Mundial Sem Tabaco (31 de maio) para chamar a atenção sobre a epidemia do tabaco e as doenças e mortes evitáveis que causa. No mesmo ano, a Assembléia Mundial da Saúde aprovou a celebração anual dessa data em todos os países. Em 2012, a OMS escolheu o tema *A Interferência da Indústria do Tabaco* para a celebração da data. Esse tema refere-se ao artigo 5.3 da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), o qual enfatiza que os países devem agir para proteger as políticas de saúde pública dos proveitos comerciais ou outros interesses garantidos para a indústria do tabaco, em conformidade com a legislação nacional. Devido às inúmeras estratégias e complexas interferências da indústria do tabaco na sociedade, que representam um entrave ao desenvolvimento sustentável dos países, o Brasil adaptou a abordagem para o contexto nacional e optou pelo enfoque nos danos causados, em toda a cadeia de produção do tabaco, ao meio ambiente e à saúde da população.

Podem-se citar os diferentes danos ao meio ambiente, em todas as etapas da produção, no consumo e no uso dos produtos derivados do tabaco. São exemplos: a utilização de agrotóxicos, que agridem ecossistemas e fumicultores; as ações de desmatamento; o trabalho adolescente e infantil nas plantações; os danos à saúde da população, como a dependência química à nicotina e o fumo passivo e, em consequência, o aumento do risco para a ocorrência das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), como acidente vascular cerebral (AVC), infarto e câncer. A escolha do tema enfatiza também as recomendações do artigo 18 da CQCT, que orienta os países signatários a promover ações para a proteção do meio ambiente e da saúde das pessoas.¹

Diante desse cenário, para os eventos do Dia Mundial Sem Tabaco no Brasil, apresenta-se o conceito: *Fumar: faz mal pra você, faz mal pro planeta.*

1. Tabagismo: um entrave ao desenvolvimento

Em 1995, um grupo formado por 22 organizações internacionais reuniu-se em Bellagio, Itália, para discutir as implicações das tendências mundiais do consumo e da produção do tabaco, especialmente nos países em desenvolvimento. Os participantes concluíram que o tabaco é a maior ameaça para o desenvolvimento sustentável e equitativo, o que ficou conhecido como a Declaração de Bellagio.² Concluíram ainda que, nos países em desenvolvimento, o tabaco é o maior desafio não só para a saúde, mas também para o desenvolvimento social e econômico e para a sustentabilidade ambiental.

Posteriormente, entidades ligadas às Nações Unidas, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Banco Mundial, concluíram que o consumo de tabaco vem impondo uma carga econômica e social cada vez mais pesada sobre os países de média e baixa renda, muitos dos quais ainda lutam para controlar doenças transmissíveis, reduzir a desnutrição e as taxas de mortalidade infantil. Além de acarretar prejuízos diretos aos sistemas públicos de saúde, o tabagismo vem sendo cada vez mais reconhecido como um fator agravante da pobreza, da fome e da desnutrição, e, portanto, um entrave ao desenvolvimento sustentável de um país.^{3,4,5,6}

Nesse cenário, destaca-se a 11ª Conferência Quadrienal das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD XI), que ocorreu no Brasil, em junho de 2004. Abordou o controle do tabaco como uma importante questão para as agendas de desenvolvimento dos países e gerou um documento que chama atenção sobre o impacto negativo que o consumo e a produção de tabaco trazem para a economia. O documento convida os Estados-Membros das Nações Unidas a fortalecerem medidas para controle do tabaco em seus programas nacionais, inserindo-as nas suas agendas de desenvolvimento. Também propõe a inclusão dessas medidas na agenda dos Objetivos para o Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas.⁷

Recentemente, em março de 2012, a diretora-geral da OMS, Margaret Chan, durante o discurso de abertura da 15ª Conferência Mundial Tabagismo ou Saúde, em Singapura, enfatizou o problema da interferência da indústria na sociedade, dos seus danos à saúde pública, e convocou os presentes a uma ação global em busca de um mundo livre de fumo. Em seu discurso, Chan chamou a indústria do tabaco de “inimigo cruel e diabólico” e informou que acredita ser dever de governos e da sociedade civil

"parar a contribuição massiva da indústria para a doença e morte". Alertou os presentes também sobre os efeitos negativos dos produtos derivados do tabaco para a saúde pública e as consequências diretas do seu uso para o consumidor e acrescentou que, em um mundo "conturbado com crescentes crises econômicas, superpopulação, aumento das doenças crônicas, custos de saúde elevados, combater uma enorme e totalmente prevenível causa de doenças e mortes passa a ser o mais urgente".⁸

2. Impacto no meio ambiente

2.1. Fumicultura

No Brasil, no século XX, a característica mais relevante das lavouras de tabaco foi a crescente concentração na Região Sul. Em grande parte, o sucesso econômico-financeiro das empresas instaladas no País se deu pelo chamado sistema integrado de produção de fumo, criado pela British American Tobacco (BAT), com base em conhecimentos de geografia, climatologia, história e socioeconomia. Teve como propósito inicial garantir a normalidade do abastecimento de matéria-prima para a fábrica de cigarros instalada, na época, no Rio de Janeiro.

O estabelecimento do sistema foi resultado de uma bem articulada estratégia de *marketing* baseada na dedicação e no capricho dos colonos. Os lavradores, de fregueses dos comerciantes, passam à condição de fregueses das agroindústrias, perdendo autonomia no processo de trabalho. Isso ocorre à medida que as empresas, seguindo o exemplo da BAT/Souza Cruz, passam a fornecer, como forma de adiantamento, as sementes e os fertilizantes, além de financiar a construção das estufas e dos fornos. Se surgem casos de intoxicações, contaminações, ou se são encontrados resíduos tóxicos de pesticidas nos alimentos, os parâmetros estabelecidos cientificamente servem, em muitos casos, para atribuir a responsabilidade da contaminação ou da intoxicação não aos cientistas, nem ao Estado, nem às empresas, mas aos próprios agricultores, que estariam utilizando de forma “inadequada” o insumo (com uso excessivo e/ou falta de proteção na aplicação), ocasionando “acidentes”.⁹

Muitas sementes de tabaco, importadas dos Estados Unidos começaram a ser cultivadas sistematicamente com o objetivo de expandir a produção de cigarros, mas, por outro lado, com intensificação do desmatamento para a secagem das folhas, a construção de estufas (galpões de madeira) e o uso de lenha como combustível, por ser considerada o mais barato e o de mais fácil acesso. Durante anos, o aspecto predatório desse sistema produtivo permaneceu praticamente sem qualquer questionamento e, ainda hoje, mantém-se a destruição da biodiversidade da Mata Atlântica pelas ações da fumicultura.

Sendo assim, grande parte do fumo produzido no Brasil é oriundo do cultivo realizado pelas mãos de agricultores familiares da Região Sul, proprietários ou não de terras, com uso intensivo de mão de obra e nível baixo de mecanização, em sistema de

integração com empresas fumageiras, que negociam os preços a serem pagos no final da safra, com associação de representação dos produtores. O Rio Grande do Sul, além de ser o maior produtor do país (responsável por 52,3% da produção), também concentra grande parte do tabaco produzido em Santa Catarina, 27,1% e no Paraná, 17,3%. Esse tabaco é levado ao estado vizinho para ser industrializado e exportado. Além da região Sul, o fumo também é cultivado na região Nordeste, porém em menor escala e com algumas especificidades. Essa região é especializada na produção de tabacos escuros, utilizados na confecção de charutos e fumo de corda. Nela, destacam-se os estados de Alagoas, Bahia e Sergipe.¹⁰

Enfatiza-se, portanto, que o ônus que a indústria do tabaco gera para a saúde da população, especialmente considerando-se a morte de mais de 600 mil pessoas por dia no mundo devido ao tabagismo passivo, supera os argumentos positivos da produção de tabaco enquanto atividade geradora de empregos e lucros para o país. Além disso, a fumicultura não se constitui como atividade agrícola que protege e garante qualidade de vida aos indivíduos envolvidos na produção, o elo mais vulnerável da cadeia produtiva.

2.2. Desmatamento e contaminação do solo

O fumo de tabaco, além de prejudicar a saúde de quem o utiliza, agride o meio ambiente, pois florestas inteiras são devastadas e utilizadas como combustível para alimentar os fornos à lenha e as estufas, que secam as folhas do fumo antes que elas sejam industrializadas. O desmatamento para a produção do fumo de tabaco contribui de forma significativa para o desflorestamento global, correspondendo a aproximadamente 5% do total realizado nos países em desenvolvimento que cultivam tabaco. Além disso, contribui para a ocorrência de erosões e destruição do solo, o qual se torna exposto às chuvas fortes e à insolação. Contribui ainda para a perda de matéria orgânica, com conseqüente empobrecimento da terra. O desmatamento também é associado a surtos de parasitismo e a outras doenças infecciosas.^{11,12}

Para o cultivo do tabaco, além da destruição de florestas nativas, a combustão da madeira nos fornos e nas estufas, realizada para a secagem do tabaco, provoca a emissão de inúmeros gases nocivos no meio ambiente. Cada estufa queima cerca de 50 m³ de madeira por safra e, muitas vezes, os números referentes ao reflorestamento não são suficientes para a reposição. Além disso, essa recuperação não favorece a biodiversidade, a heterogeneidade, o habitat e os nichos ecológicos que existem nas matas nativas. O prejuízo natural é imensurável.¹³

Ao considerar as ações de desmatamento para o plantio de tabaco, outros dados são relevantes. Para cada 300 cigarros produzidos, uma árvore é queimada. Portanto, um maço de cigarros por dia sacrifica uma árvore a cada 15 dias. De acordo com os últimos dados disponibilizados pela Produção Agrícola Municipal/IBGE, referentes ao ano 2008, na região Sul, o tabaco foi cultivado em 756 municípios em 406 hectares, sendo que, em 437 desses municípios, foram produzidas 100 toneladas ou mais de tabaco.¹⁴

Nesse cenário, outro grave problema é que as práticas de reflorestamento utilizam, em sua maioria, o eucalipto que, plantado em grandes áreas, pode gerar uma série de impactos ambientais negativos sobre a água, o solo e a biodiversidade.¹⁵ Além disso, a substituição da cobertura natural por plantas exóticas (que não as originais, naturais do ambiente) altera profundamente a paisagem, o clima e até mesmo a diversidade característica do território onde se instala a cadeia produtiva do fumo.¹⁶

Acrescenta-se ainda que filtros de cigarros, desprezados no chão e em outros locais inadequados e, depois, levados pela chuva para os lagos, rios, oceanos, florestas e jardins, demoram cerca de cinco anos para se decompor, podendo prejudicar peixes e

aves marinhas que podem ingeri-los.¹⁷ As pontas de cigarro lideram também a lista de itens mais coletados nas praias, correspondem de 25% a 50% de todo o lixo recolhido em ruas e rodovias e, quando descartadas acesas, provocam cerca de 25% de todos os incêndios, tanto domésticos quanto em matas e florestas, o que resulta em destruição e mortes.¹⁸

2.3. Contaminação domiciliar

Grande parte da produção do fumo é realizada por agricultores familiares e inclui a partição de toda a família em algumas fases do cultivo, inclusive de crianças e adolescentes. Esses agricultores possuem áreas inferiores a cinco hectares. Alguns não possuem terras próprias, arrendando-as de terceiros especificamente para o cultivo de tabaco.

Na lavoura do fumo, trabalham de três a quatro integrantes de cada família, o que equivale a cerca de 520 mil pessoas atuando nessa atividade, principalmente nos períodos de plantio, colheita, classificação e cura do fumo. Um levantamento realizado com fumicultores na região Sul do Brasil concluiu que 55% deles não usam roupas de proteção, tais como máscaras, luvas e botas. Eles justificam essa situação com argumentos sobre os altos custos dos equipamentos e sua inadequação ao clima tropical.

A pesquisa também concluiu que cerca de 48% dos familiares dos agricultores sofrem de problemas de saúde associados ao uso de substâncias químicas, como dores de cabeça persistentes e vômitos, e 42% conhecem alguém com problemas físicos de nascença. O estudo revelou também que aproximadamente 80% das famílias se desfazem dos resíduos inadequadamente, jogando os recipientes de agrotóxicos já utilizados nas florestas ou queimando-os.¹⁹

2.4. O uso de pesticidas e agrotóxicos e os riscos para a saúde

Com o objetivo de obter melhores safras e maiores lucros, a indústria fumageira tem estimulado o amplo emprego de fertilizantes e de agrotóxicos nas plantações de tabaco. Decorre daí o problema vivido pelos fumicultores, quanto aos riscos a que se submetem em razão da intoxicação por uso de agrotóxicos. Estudos realizados nas regiões fumicultoras do Brasil têm demonstrado uma forte associação entre o aparecimento de problemas de saúde em agricultores e o cultivo de tabaco.²⁰

Para garantir uma folha de boa qualidade, a produção de tabaco requer o uso intensivo de pesticidas, que têm provocado graves danos à saúde dos agricultores e de suas famílias. Cabe ressaltar que os dados oficiais de envenenamento por agrotóxicos, em muitos países em desenvolvimento, provavelmente subestimam sua incidência, em razão da carência de profissionais de saúde, em especial médicos, nas áreas rurais e também pelo fato de que muitos casos de envenenamento por agrotóxicos, presenciados por esses profissionais, não são noticiados.

Ainda em relação ao uso de agrotóxicos e seus efeitos, pode-se enfatizar o problema da saúde mental dos agricultores. Verifica-se, entre os fumicultores, um maior risco de desenvolver alterações neurocomportamentais, as quais podem evoluir para um quadro de depressão e até levar ao suicídio. Um estudo realizado em 1996 apresenta fortes indícios da relação entre a utilização de pesticidas na fumicultura e o aumento das taxas de suicídio em Venâncio Aires, município localizado no Rio Grande do Sul e um dos maiores produtores de fumo em folha da região. Segundo esse estudo, o município apresenta coeficiente de mortalidade por suicídios bem maior do que todo o Estado.²¹

Nesse contexto, deve-se considerar também que o plantio de fumo leva cerca de 10 meses, desde a preparação dos canteiros de mudas até a colheita e posterior secagem das folhas. Durante todo o período, são usados diversos tipos de agrotóxicos, como inseticidas, herbicidas e fungicidas, sendo que muitos deles são classificados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) como extremamente tóxicos e altamente tóxicos (Classes I e II).²²

Envolvendo toda a família do agricultor, a cultura do fumo repete-se, como um ritual, ano após ano. No mês de abril, eles trabalham com fertilizantes (não isentos de toxicidade), em preparação ao plantio. Nos meses de maio e junho, inicia-se o preparo da sementeira com o uso de Brometo de Methila para a esterilização do solo. Vale lembrar que esse produto não é recomendado para atividades agrícolas, pois possui e

gera polibromadas dioxinas, além de destruir a camada de ozônio. Trabalha-se, também, com herbicidas e inseticidas, e são aplicados fungicidas (de contato ou sistêmico), de cinco a seis vezes. Em julho e agosto e, periodicamente, são empregados inseticidas, nematicidas, acaricidas, fungicidas, entre outros, até o final do ciclo.

De outubro a dezembro ocorre a fase com uso mais intenso de agrotóxicos, principalmente organofosforados, assim como carbamato. Em média, são usados 60 quilogramas de agrotóxicos por hectare.²³ A colheita ocorre em dezembro e janeiro, na qual utiliza-se, massivamente, a mão de obra infantil, tanto que o calendário escolar da região do fumo teve de se adequar a essa realidade, antecipando o término do ano letivo para o início da safra. O tabaco é secado em estufas com o calor de fogo à lenha durante alguns dias e noites. De janeiro a março ocorre a comercialização.

Acrescenta-se que uma pesquisa recente, realizada pela Área de Vigilância do Câncer Relacionado ao Trabalho e ao Ambiente, do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), em um município fumicultor, verificou que 63% dos fumicultores relataram manipular agrotóxicos diretamente. Foram 54 produtos citados como de uso frequente, sendo os principais o Glifosato, herbicida largamente usado no Brasil para “capina química”, e vários inseticidas organofosforados, que são, neurotóxicos ao homem, além de trazerem outras consequências negativas à saúde.²⁴

Sendo assim, a utilização desses produtos químicos, principalmente de agrotóxicos, gera o risco de contaminações diversas, inclusive a dos recursos hídricos, as quais produzem efeitos nocivos ao ambiente, mesmo que os químicos sejam utilizados conforme estabelece a legislação.

2.5. Doença da folha de tabaco verde

Outro grave dano à saúde dos fumicultores é a “doença do tabaco verde” ou “doença das mãos verdes”. Essa ocorre porque a nicotina, ingrediente ativo da folha de tabaco, é rapidamente absorvida pela pele dos fumicultores que lidam com essa folha.

Esse tipo de intoxicação é considerado uma doença ocupacional e sua maior ocorrência é na época da colheita, quando as altas temperaturas, do ambiente (verão) e corporal dos trabalhadores, em virtude do esforço físico que realizam no processo de colheita, podem aumentar a absorção da nicotina, ampliando sua concentração no plasma sanguíneo em 30% a 45%. A situação é mais grave quando os fumicultores manuseiam as folhas molhadas, uma vez que a nicotina é dissolvida pela umidade.

Alguns estudos revelam que a folha de tabaco pode conter até 9 mg de nicotina dissolvida em 100 ml de orvalho, valor equivalente ao conteúdo de nicotina de aproximadamente 6 cigarros. Para se ter uma ideia, em um dia úmido, principalmente depois da chuva recente, um fumicultor pode ser exposto a aproximadamente 54 mg de nicotina, ou o equivalente a 36 cigarros.^{25,26}

A doença do tabaco verde se caracteriza por sintomas que incluem náusea, vômito, fraqueza, dor de cabeça, tonteira, dores abdominais e dificuldade para respirar, assim como flutuações na pressão sanguínea. Agricultores e profissionais de saúde muitas vezes confundem esses sintomas com cansaço ou envenenamento por agrotóxicos, principalmente se tiverem sido aplicados recentemente nas plantações.²⁷

Além disso, com o uso intensivo de pesticidas, ocorrem outros danos à saúde dos agricultores e de suas famílias, como intoxicações agudas e incapacidade para o trabalho. Como se trata de uma produção familiar, na qual quem cultiva tabaco não tem condições financeiras de contratar mão de obra, de forma que se torne inviável garantir o sustento da família se os filhos não ajudarem no trabalho, muitas vezes, as crianças e os adolescentes participam ativamente de todo o processo e também são atingidos.²⁸ Os estudos recentes mostram também que, comparadas com adultos, as crianças apresentaram maior vulnerabilidade à doença do tabaco verde, em razão do seu menor tamanho físico, quando considera-se a dose de nicotina absorvida e a falta de tolerância aos seus efeitos.²⁹

2.6. Poluição Tabagística Ambiental

A poluição tabagística ambiental (PTA) é oriunda da fumaça exalada pelo fumante e é considerada a maior causa de poluição de ambientes fechados, provocando sérios riscos à saúde de quem não fuma: o fumante passivo. Segundo a OMS, a PTA torna-se mais grave em ambientes fechados e é considerada a terceira maior causa de morte evitável no mundo.³⁰

A fumaça que sai dos cigarros é cancerígena e genotóxica para seres humanos. Os fumantes passivos inalam os mesmos elementos tóxicos da fumaça tragados por fumantes ativos.³¹ A presença dessa fumaça interfere significativamente na qualidade do ar, principalmente em ambientes fechados, por não haver nível seguro de exposição e nenhum meio capaz de controlar os riscos impostos pela exposição.

Define-se, portanto, o tabagismo passivo como a inalação da fumaça dos derivados de tabaco (cigarro, charuto, cigarrilhas, cachimbo e outros produtores de fumaça) por indivíduos não fumantes que convivem com fumantes em ambientes fechados. Lembra-se que o ar poluído contém, em média, três vezes mais nicotina e monóxido de carbono e até 50 vezes mais substâncias cancerígenas do que a fumaça que entra pela boca do fumante depois de passar pelo filtro do cigarro.

Estudos revelam também que, em pessoas expostas ao fumo passivo, há maior risco de câncer de pulmão (30% mais chances), 30% mais riscos de sofrerem doenças cardíacas e de 25% a 35% mais riscos de sofrerem doenças coronarianas agudas. Além disso, têm mais propensão à asma, à redução da capacidade respiratória, 24% a mais de chances de infarto do miocárdio e maior risco de arteriosclerose, aneurisma arterial, trombose vascular, infecções respiratórias e úlcera do aparelho digestivo.

Outras consequências do fumo passivo são o impacto para crianças e mulheres grávidas. As crianças fumantes passivas (filhos de pais fumantes) apresentam maior possibilidade de contrair doenças como pneumonia, bronquite aguda, bronquiolite, broncopneumonia, infecção do ouvido médio e exacerbação de crise de asma.

As substâncias da fumaça do cigarro também prejudicam a saúde da mulher grávida e do seu feto. Essas substâncias chegam até a placenta pela corrente sanguínea, podendo causar baixo peso ao recém-nascido, aborto espontâneo, prematuridade, morte perinatal, lábio leporino e redução da função pulmonar nos bebês. A gestante aumenta também o risco de placenta prévia e descolamento de placenta. Além disso, a mulher

grávida que não fuma, mas convive com fumantes em casa ou no trabalho, também apresenta grande possibilidade de ter seu bebê com baixo peso.

O fumo em ambientes fechados agrava-se como um problema de saúde pública à medida que o nível de partículas suspensas no ar nesses ambientes costuma ser bem superior ao limite aceitável (60 mcg/cm³). O nível de monóxido de carbono pode atingir limites absurdos (mais de três vezes do limite máximo) quando pessoas fumam em recintos fechados.³²

Dados recentes (INCA e UFRJ, em 2008) mostram também que, no Brasil, 2.655 não fumantes morrem a cada ano por doenças atribuíveis ao tabagismo passivo. O que equivale dizer que, a cada dia, ao menos sete brasileiros morrem por doenças provocadas pela exposição passiva à fumaça do tabaco.³³

Diante desse cenário no Brasil, pode-se destacar um recente e importante avanço na política nacional de controle do tabagismo: a aprovação da lei federal nº 12.546, de 2011, que proibiu o fumo em recintos coletivos fechados em todo país. Essa medida garantiu a promoção de ambientes 100% livres de fumaça de tabaco e a consequente melhoria da qualidade do ar em ambientes fechados, protegendo especialmente trabalhadores de restaurantes, boates e outros estabelecimentos comerciais, que eram submetidos a mais de 4 mil substâncias tóxicas presentes na fumaça do cigarro durante toda jornada de trabalho.³⁴

Com a aprovação dessa medida, o Brasil enfatiza o cumprimento do artigo 8º da [Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco](#) (CQCT), que determina que os países adotem medidas para proteger a população dos riscos do tabagismo passivo em ambientes públicos, locais de trabalho e meios de transporte.

Portanto, torna-se necessário divulgar a nova legislação à população, assim como esclarecer sobre as novas regras, alinhá-las às legislações locais e sensibilizar cada vez mais a sociedade para que exerça sua cidadania para o cumprimento e a fiscalização da nova legislação, como medida de promoção da qualidade de vida de todos.

3. O Dia Mundial Sem Tabaco – 31 de maio de 2012

Os motivos apresentados nos capítulos anteriores sobre a interferência da indústria do tabaco e os seus danos ao meio ambiente e à saúde das pessoas influenciaram a escolha do tema para as ações do dia 31 de maio de 2012, Dia Mundial Sem Tabaco. A partir do conceito central *Fumar: faz mal pra você, faz mal pro planeta*, desenvolveu-se a identidade visual e as peças de divulgação para as ações da data, como o cartaz abaixo, além de lâmina, *outdoor*, *busdoor*, e-mail e *hotsite*, especialmente produzido para a data, que ficará disponível no site do INCA.



Figura 1 – Cartaz do Dia Mundial Sem Tabaco

Para que a campanha seja efetiva e realmente aconteça nos diferentes estados do Brasil, é fundamental que as Coordenações Estaduais e Municipais apoiem e ajudem a divulgar o tema e, conseqüentemente, sensibilizem as populações e os gestores públicos. Portanto, sugere-se aos Coordenadores Estaduais de Controle do Tabagismo que incentivem os diferentes setores das Secretarias Estaduais de Saúde, as Secretarias Municipais e a sociedade civil, compartilhando as informações do manual com orientações sobre a data. É muito importante também que haja registro das atividades realizadas (se possível, com fotografias, textos e matérias de divulgação local) e que as informações sobre a programação das ações locais também possam ser enviadas para divulgação no *hotsite* elaborado pelo INCA.

4. Propostas de atividades comemorativas

A realização de atividades comemorativas para a população e/ou grupos específicos é um ótimo espaço para divulgar informações sobre o tabagismo e alertar a população sobre o tema escolhido: a interferência da indústria do tabaco no Brasil, com o conceito *Fumar: faz mal pra você, faz mal pro planeta*.

Algumas sugestões

- Promover eventos esportivos como corridas, caminhadas, corridas de bicicleta, gincanas e outros, que abordem principalmente questões relacionadas à proteção ao meio ambiente.
- Realizar a promoção de eventos culturais, como *show* com músicos regionais, teatro, dança, espetáculos em geral.
- Organizar concursos culturais de desenhos ou outras atividades escolares relacionados à temática.
- Apoiar e seguir diferentes eventos voltados para profissionais da área da saúde e educação, como seminários, fóruns etc.
- Divulgar informações, realizar contatos e estimular seu parceiros e contatos locais, em especial as unidades escolares e de saúde, para que abordem o tema da campanha na data de 31 de maio, ou durante toda a semana e mês próximos à data.
- Mobilizar a atenção da população e dos veículos de comunicação (mídia) para as atividades de comemoração, convidando formadores de opinião a engajarem-se nas ações locais da campanha.

5. Avaliação das atividades

A avaliação do trabalho realizado consiste em uma etapa fundamental nesse processo. O registro cuidadoso das principais atividades desenvolvidas em comemoração a essa data pontual muito contribui para o trabalho. Para facilitar o envio das informações, é disponibilizada uma planilha com instruções para o seu preenchimento. **Essa planilha deve ser enviada à Divisão de Controle do Tabagismo (DCT), Coordenação-Geral de Ações Estratégicas (CGAE), INCA, até 30 (trinta) dias após o encerramento das comemorações, através do email: prevprim@inca.gov.br.**

A partir dessas informações, o coordenador poderá fazer a avaliação das atividades realizadas, verificar se as metas foram atingidas, comparar com o trabalho de anos anteriores, divulgar os resultados alcançados, dar maior visibilidade ao trabalho, captar mais recursos para ações futuras e até mesmo justificar os recursos que foram investidos. Do mesmo modo, ao enviar esse instrumento ao INCA, todos os aspectos acima citados poderão se expandir, para avaliar as ações realizadas em todo o país. Dessa forma, contribui-se para a melhoria contínua do trabalho.

Além disso, solicita-se que sejam enviadas à DCT/CGAE/INCA, textos informativos, imagens das peças e fotografias das ações realizadas localmente. Essas informações serão divulgadas em nossos veículos de comunicação, como o site do Programa Nacional de Controle do Tabagismo do INCA (em fase de reformulação) e o boletim *Por Um Mundo Sem Tabaco*, entre outros. Além de compartilhar essas informações com a sociedade, o objetivo é ampliar o alcance e a visibilidade das ações realizadas em todo o Brasil.

PLANILHA DE DATA COMEMORATIVA

7. Planilha para avaliação dos resultados

MUNICÍPIO / LOCAL EVENTO	ATIVIDADE REALIZADA DATA (tipo de atividade realizada no município)	QUANTITATIVO PÚBLICO PARTICIPANTE (Nº) (público estimado presente no evento pela Defesa Civil, pelo Corpo de Bombeiros, pelo Responsável administrativo pelo auditório e/ou pela Prefeitura municipal, materiais distribuídos no evento, entre outros).	QUANTITATIVO DE MATERIAL DISTRIBUÍDO (Material distribuído: informar o número de cada material distribuído na referida atividade)			Nº DE INSERÇÕES NA MÍDIA (Inserção na mídia: informar o número de entrevistas e/ou matérias por veículo de mídia, citar nome do programa e estação de rádio, nome do programa e canal de televisão. Anexar as cópias de matérias publicadas em revista, jornais, fotos entre outros)							
			Folheto	Cartaz	Boné / Camiseta/	Rádio	TV	Jornal					

¹ Na íntegra, o texto do artigo 18 da CQCT recomenda: “Em cumprimento às obrigações estabelecidas na presente Convenção, as Partes concordam em prestar devida atenção, no que diz respeito ao cultivo do tabaco e à fabricação de produtos de tabaco em seus respectivos territórios, à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas em relação ao meio ambiente”. Texto disponível no site do Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home. Acesso em 14 de abril de 2012.

² Segundo a Declaração de Bellagio, 1995, Um grupo de 22 organizações internacionais e pessoas se reuniu na Fundação Rockefeller `s Study and Conference Centre Bellagio, na Itália, de 26 a 30 junho de 1995, para examinar as implicações das atuais tendências globais na produção de tabaco e consumo para o desenvolvimento sustentável, especialmente nos países em desenvolvimento. No decorrer das apresentações e discussões sobre o controle e o uso do tabaco, e análises da situação da África, Ásia e América Latina, foram observados: em todo o mundo, existem apenas duas grandes causas de morte prematura que estão aumentando substancialmente - HIV e tabaco; a cada ano, três milhões dos 30 milhões de mortes de adultos no mundo são atribuíveis ao tabagismo. Sobre os padrões de tabagismo atual, por volta de 2025, esse número anual subirá para 10 milhões de mortes, das quais sete milhões será, então, nos países em desenvolvimento; as crianças e dos adolescentes atuais, cerca de 200 milhões, com os padrões de tabagismo atuais, poderão morrer pelo uso do tabaco, pois a dependência geralmente começa antes da vida adulta; cada mil toneladas de produção de tabaco acabará por resultar em cerca de mil mortes; os custos econômicos líquidos de tabaco são profundamente negativos – como os custos de mortalidade e tratamento que ultrapassam as estimativas dos benefícios econômicos aos produtores e consumidores, pelo menos 200 bilhões de dólares anualmente, com um terço dessa perda a ser incorrida pelos países em desenvolvimento; existem cerca de 800 milhões de fumantes nos países em desenvolvimento atualmente, e o número continua a aumentar. Estima-se que metade dos homens e quase 10% das mulheres fumam nos países em desenvolvimento; o fumo durante a gravidez reduz substancialmente o peso ao nascer, e esse baixo peso está fortemente associado com mortalidade infantil e doenças; o tabagismo dos pais aumenta a incidência de infecções respiratórias agudas e asma em crianças, e mulheres e jovens nos países em desenvolvimento são como os grupos em crescimento para o tabaco. Os participantes concluíram que o tabaco é uma grande ameaça para o desenvolvimento sustentável e equitativo e que, no mundo em desenvolvimento, o tabaco representa um grande desafio, não só para a saúde, mas também para o desenvolvimento social e econômico e para a sustentabilidade ambiental. Para obter mais informações sobre a Declaração de Bellagio: <http://www.who.int/tobacco/research/economics/bellagio/en/index.html>. Acesso em 10 de abril de 2012.

³ PAHO, TOBACCO INCREASES THE POVERTY OF COUNTRIES, 2004. Disponível em: http://www.who.int/tobacco/communications/events/wntd/2004/en/factsnations_en.pdf. Acesso em 10 de abril de 2012.

⁴ ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD) & WHO Poverty and Health (Draft) - reference document published by Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) and WHO, 2001. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/16/36/33965811.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2012.

⁵ EUROPEAN COMMISSION. Tobacco Control in European Commission (EC) Development Policy – A background paper for the high Level Round Table on Tobacco Control and Development Policy, Brussels, 3-4 February, 2003.

⁶ WORLD BANK, Tobacco & Health in the Developing World. A Background Paper for the High Level Round Table On Tobacco Control and Development Policy. Organized by the European Commission in collaboration with the World Health Organization and the World Bank, Brussels, 2003. http://ec.europa.eu/health/archive/ph_determinants/life_style/tobacco/documents/who_en.pdf. Acesso em 10 de abril de 2012.

⁷ UNCTAD XI . Globalization of the Tobacco Epidemia- Tobacco Control and Development. Disponível em http://www.unctadxi.org/templates/Event____525.aspx e <http://www.who.int/tobacco/communications/events/unctad2004/en>. Acesso em 05 de abril de 2006.

⁸ Site do Instituto Nacional do Câncer (INCA), na seção Agência de Notícias. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2012/e_preciso_parar_a_c

ontribuicao_da_industria_do_tabaco_para_a_doenca_e_morte_diz_diretora_geral_da_oms. Acesso em: 10 de abril de 2012.

⁹ GUIVANT, J. O uso de agrotóxicos e os problemas de sua legitimação: um estudo de sociologia ambiental no município de Santo Amaro da Imperatriz, SC. 1992. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

¹⁰ Tabaco: Da produção ao consumo - Uma cadeia da dependência. Deser. 2010. Disponível em: http://actbr.org.br/uploads/conteudo/585_RevistaTabacoACT.pdf. Acesso em 12 de abril de 2012.

¹¹ Tobacco: A Driving Force of Environmental Change in the Miombo Woodland Zone of Southern Africa. Paper presented at African Environments: Past and Present, Oxford University, 1999. http://www.whoindia.org/LinkFiles/Tobacco_Free_Initiative_03-Chapter-05.2.pdf. Acesso em 12 de abril de 2012.

¹² World Health Organization. Removing obstacles to healthy development: report on infectious diseases. Geneva : World Health Organization, WHO/CDS/99.1, 1999.

¹³ Tabaco: Da produção ao consumo - Uma cadeia da dependência. Deser. 2010. Disponível em: http://actbr.org.br/uploads/conteudo/585_RevistaTabacoACT.pdf. Acesso em 12 de abril de 2012.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Vital, MHE. Impacto ambiental de florestas de eucalipto. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V. 14, N. 28, P. 235-276, dez. 2007. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/rev2808.pdf

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Referências recentes afirmam que as pontas de cigarros levam cerca de cinco anos para se decompor (considerando-se uma média para cada unidade). No presente texto trabalhou-se com as referências: SUAREZ, J. Três milhões de bitucas nas ruas. *O Tempo*, Minas Gerais, pp. capa/24, 10 de mar. de 2012; *Diário do Comércio* (2012), Bituca Zero, São Paulo, pp.8, 18 de jan. de 2012.

¹⁸ Almeida, GEG. Fumo. Servidão moderna e violações de direitos humanos. Terra de Direitos, Curitiba, 2005. Disponível em: http://actbr.org.br/uploads/conteudo/594_Fumo_serv_moderna_livro.pdf.

¹⁹ Campaign for Tobacco Free Kids, 2001. Disponível em: http://www.tobaccofreekids.org/press_releases/year/2001. Acesso em: 10 de abril de 2012.

²⁰ FALK, J. W., CARVALHO, L. A. de, SILVA, L.R. da; PINHEIRO, S.; Suicídio e Doença Mental em Venâncio Aires-RS - Consequência do uso de agrotóxicos organofosforados; março, 1996

²¹ Idem.

²² Cadeia Produtiva do Fumo - Revista Contexto Rural Nº 4, Departamento de Estudos Sócio-Economicos Rurais (DESER), 2003, op. cit.

²³ FALK, J. W.; CARVALHO, L. A.; SILVA, L. R.; PINHEIRO, S.; op. cit.

²⁴ Site do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco, disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/status_politica/fumicultura_e_meio_ambiente. Acesso em 04 de abril de 2012.

²⁵ Cadeia Produtiva do Fumo - Revista Contexto Rural Nº 4, Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (DESER), 2003, op. cit.

²⁶ *Indústria de tabaco, tabagismo e meio ambiente: as redes ante os riscos. Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 20, n. 1, p. 45-78, jan./abr. 2003.

²⁷ *Campaign for Tobacco Free Kids*, 2001. Disponível em: op. cit.

²⁸ SCHOENHALS, M.; FOLLADOR, F.A.C.; SILVA, C. Análise dos impactos da fumicultura sobre o meio ambiente. *Engenharia Ambiental, Espírito Santo do Pinhal*, v. 6, n. 2, p. 016-037, mai /ago, 2009.

²⁹ Cadeia Produtiva do Fumo - Revista Contexto Rural Nº 4, Departamento de Estudos Sócio-Economicos Rurais (DESER), 2003, op. cit.

³⁰ CDC - Second Hand Smok. Disponível em: <http://www.cdc.gov/tobacco/ets.htm>. Acesso em 12 de abril de 2012.

³¹ IARC 2004. Disponível em : http://www.iarc.fr/ENG/Press_Releases/archives/pr152a.html. Acesso em 12 de abril de 2012.

³² Cadeia Produtiva do Fumo - Revista Contexto Rural Nº 4, Departamento de Estudos Sócio-Economicos Rurais (DESER), 2003, op. cit.

³³ INCA e UFRJ / Instituto de Saúde Coletiva, Estudo Mortalidade atribuível ao tabagismo passivo na população urbana do Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/tabagismo/atualidades/ver.asp?id=906>. Acesso em 12 de abril de 2012

³⁴ Site do Instituto Nacional do Câncer, Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco, disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home. Acesso em 04 de abril de 2012.

Referências

- BOEIRA, S. L. Atrás da cortina de fumaça. Tabaco, tabagismo e meio ambiente: Estratégias da indústria e dilemas da crítica. Itajaí, editora da UNIVALI, 2002.
- BOEIRA, S. L.; JOHNS, P. Indústria de tabaco vs. Organização Mundial de Saúde: um confronto histórico entre redes sociais de stakeholders. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, vol. 4, n. 1, janeiro/junho. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- CARNEIRO, D. Código de defesa do consumidor. Brasília: Senado Federal, 1991.
- DESER - Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. Ano III - Nº 04 - Dezembro de 2003. Disponível em: http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=85. Acesso em 10 de abril de 2012.
- ETGES, VE. O impacto da cultura do tabaco no ecossistema e na saúde humana. Textual, Porto Alegre, v.1 n.1, p. 14-21, nov. 2002. Disponível em: Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/textual/fumo.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2012.
- GLANTZ, S., SLADE, J., BERO, L., HANAUER, P. e BARNES, D. The cigarette papers. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1996.
- JESUS, D. de. Código penal anotado. São Paulo: Saraiva, 1989.
- NARDI, J. B. O fumo brasileiro no período colonial: lavoura, comércio e administração. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- NOVOTNY T., ZHAO F. Consumption and production waste: another externality of tobacco use. Tobacco Control, 1999; Atlanta, EUA. 8: 75-80,
- NOVOTNY, T.E.; LUM, K.; Smith, E.; Wang, V.; Barnes, R. Cigarettes Butts and the Case for an Environmental Policy on Hazardous Cigarette Waste. Int. J. Environ. EUA, Res. Public Health 2009, 6, 1691-1705.
- PAHO, TOBACCO INCREASES THE POVERTY OF COUNTRIES, 2004. Disponível em: http://www.who.int/tobacco/communications/events/wntd/2004/en/factsnations_en.pdf. Acesso em 10 de abril de 2012.
- PERES, F & MOREIRA, JC. Saúde e ambiente em sua relação com o consumo de agrotóxicos em um pólo agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23 Sup 4:S612-S621, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v23s4/13.pdf>
- OBSERVATÓRIO DA POLÍTICA NACIONAL DE CONTROLE DO TABACO. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home. Acesso em 14 de abril de 2012.
- ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD) & WHO Poverty and Health (Draft) - reference document published by Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) and WHO, 2001. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/16/36/33965811.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2012.
- EUROPEAN COMMISSION. Tobacco Control in European Commission (EC) Development Policy – A background paper for the high Level Round Table on Tobacco Control and Development Policy, Brussels, 3-4 February, 2003.
- WORLD BANK, Tobacco & Health in the Developing World. A Background Paper for the High Level Round Table On Tobacco Control and Development Policy. Organized by the European Commission in collaboration with the World Health Organization and the World Bank, Brussels, 2003. http://ec.europa.eu/health/archive/ph_determinants/life_style/tobacco/documents/who_en.pdf. Acesso em 10 de abril de 2012.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION, World No Tobacco Day, 2010. Disponível em <http://www.who.int/tobacco/wntd/2012/announcement/en/index.html>, acesso em 12 de abril de 2012.
- UNCTAD XI . Globalization of the Tobacco Epidemia- Tobacco Control and Development. Disponível em http://www.unctadxi.org/templates/Event_____525.aspx e <http://www.who.int/tobacco/communications/events/unctad2004/en>. Acesso em 05 de abril de 2006.